

PRONOMES DE TRATAMENTO EM CARTAS PESSOAIS DA FAMÍLIA BERTASO ESCRITAS ENTRE 1914 E 1942

PRONOMBRES DE TRATAMIENTO EN CARTAS PERSONALES DE LA FAMILIA BERTASO ESCRITAS ENTRE 1914 Y 1942

PERSONAL PRONOUNS IN BERTASO'S FAMILY PERSONAL LETTERS FROM 1914 TO 1942

Izete Lehmkuhl Coelho*

Universidade Federal de Santa Catarina

Loremi Loregian-Penkal**

Univeridade Estadual do Centro-Oeste

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar os pronomes de tratamento usados nas cartas escritas pelos irmãos Elza, Serafim e Jayme, membros da família Bertaso do oeste de Santa Catarina. A amostra é composta por 110 cartas escritas entre 1914 e 1942. Este estudo se alinha à abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), a qual se fundamenta em pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Os resultados da análise das cartas pessoais mostram ausência total do pronome *você* e uso preferencial do pronome *tu* como sujeito nulo e de *o senhor* como sujeito expreso. É possível dizer que há coexistência de formas de tratamento com base em variações sócio-pragmáticas. Elza muda o tratamento aos pais de *o senhor* para somente *tu*, enquanto Serafim e Jayme usam sempre o pronome *tu*. Esse mesmo pronome é de uso categórico nas relações sociais entre os irmãos.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes de tratamento. Variação e mudança. Cartas pessoais da família Bertaso. PHPB-SC.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es investigar los pronombres de tratamiento usados en las cartas escritas por los hermanos Elza, Serafim y Jayme, miembros de la familia Bertaso del oeste de Santa Catarina. El *corpus* es compuesto por 110 cartas escritas entre los años de 1914 y 1942. Este estudio sigue el abordaje teórico-metodológico de la Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), el cual se fundamenta en presupuestos de la Teoría de la Variación y Cambio (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Los resultados del análisis de las cartas personales muestran ausencia total del pronombre *você* y uso preferencial del pronombre *tu* como sujeto nulo y de *senhor* como sujeto expreso. Es posible decir que hay coexistencia de formas de tratamiento

* Doutora em Linguística pela UFSC, com Estágios de Pós-doutorado na UNICAMP e na UFRJ. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC e membro dos projetos VARSUL e PHPB-SC. E-mail de contato: izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br.

** Doutora em Letras pela UFPR, com Estágios de Pós-doutorado em Sociolinguística (UFPR) e em Contato Linguístico (UFSC). Professora dos Cursos de Graduação em Letras e em Fonoaudiologia e do Programa de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO, PR. E-mail: lpenkal@unicentro.br.

con base en variaciones socio pragmáticas. Elza cambia el tratamiento a los padres de *senhor* para solamente *tu*, mientras Serafim y Jayme usan siempre el pronombre *tu*. Este pronombre es de uso categórico en las relaciones sociales entre los hermanos.

PALABRAS-CLAVE: Pronombres de tratamiento. Variación y cambio. Cartas personales de la familia Bertaso. PHPB-SC.

ABSTRACT: The objective of this study is to investigate the personal pronouns used in letters written by the siblings Elza, Serafim and Jayme, members of the Bertaso family, from the West of the State of Santa Catarina. The corpus is composed of 110 letters written between 1914 and 1942. This study aligns with the Historical Sociolinguistics theoretical-methodological approach (Conde Silvestre, 2007) based on Variation and Change Theory (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Results demonstrate that the pronoun *você* (you) is not found in the corpus whereas the pronoun *tu* (you) is frequently found as the null subject and the *o senhor* (sir) is frequently found as the subject. Results also indicate the coexistence of different personal pronouns according to pragmatic socio-variations. Elza changes the personal pronouns used to refer to her parents from *senhor* to *tu* whereas Serafim and Jayme always use the pronoun *tu*. This pronoun follows the categoric use in the social relations among the siblings.

KEYWORDS: Personal pronoun. Variation and change. Bertaso's family personal letters. PHPB-SC

1 INTRODUÇÃO

Os pronomes de tratamento ao interlocutor *tu*, *o senhor*¹, *você* têm merecido inúmeros estudos no âmbito da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica em Santa Catarina (Ramos, 1989; Loregian, 1996; Hausen, 2000; Loregian-Penkak, 2004; Nunes de Souza, 2011; Coelho; Görski, 2011; Rocha, 2012; Davet, 2013; Nunes de Souza; Coelho, 2015; Nunes de Souza, 2015; Grando, 2016; Gouveia, 2019; Coelho, 2019; Coelho; Nunes de Souza, 2020; entre outros). Esses estudos, seja por meio da dimensão sincrônica, seja pela diacrônica, tratam, mais especificamente, da implementação e do encaixamento linguístico e/ou social do pronome *você* na variedade (ou variedades) catarinense(s).

Sabemos que o português herdou do latim duas formas de tratamento ao interlocutor, *tu*, para estabelecer intimidade, e *vós*, com função comunicativa de cortesia, para se referir à segunda pessoa do singular e à segunda pessoa do plural. Com o passar dos anos, a forma *vós* foi gradativamente sendo substituída por formas pronominais de tratamento advindas de expressões nominais de tratamento, que começam a ser disseminadas pela nobreza e burguesia. Entre as formas, *vossa mercê* e *o senhor* ganham destaque para o tratamento respeitoso no português brasileiro (PB).

Não é incomum, nas línguas, nomes ou expressões nominais adquirirem características de pronomes. As expressões nominais *vossa mercê* e *o senhor* eram, no português, originariamente títulos, evoluindo de expressão nominal para pronomes por meio de um processo de gramaticalização (Hopper; Traugott, 2003).

Segundo Görski, em entrevista para a Revista *Working Papers em Linguística* (Valle; Snichelotto; Görski, 2021, p. 2), a literatura mais recente sobre o tema (Traugott, 2010) tem feito uma distinção entre gramaticalização como redução, focada em perdas, e gramaticalização como expansão, focada em ganhos. A concepção focada em perdas corresponde à visão tradicional de gramaticalização, “envolvendo aumento de dependência sintática, fixação e obrigatoriedade de elementos e considera basicamente o escopo sentencial da gramática”². A concepção focada em ganhos corresponde à gramaticalização como expansão, que “[...] incorpora aspectos semântico-pragmáticos e extensão de contextos de uso que dizem respeito à classe hospedeira, à ampliação do escopo estrutural para além da sentença e à multifuncionalidade”³.

¹ Sempre que estivermos nos reportando ao pronome de tratamento ao interlocutor *o senhor* (ou ao paradigma *o senhor*), entenda-se também a forma no feminino, *a senhora*.

² No âmbito da Teoria Gerativa, o processo de gramaticalização que leva à formação de pronomes é considerado um processo de mudança sintática por reanálise, resultando sempre em simplificação estrutural ou perda de traços. A mudança da expressão nominal *o senhor* para o pronome *o senhor* > *sô*, segundo Ramos (2011, p. 70), seria um caso de “reanálise que leva à perda de traços”.

³ Para falar a respeito da gramaticalização como expansão, focada em ganhos, a entrevistada cita Himmelmann (2004), Givon (2018) e Heine (2013).

A gramaticalização de expressões nominais para pronomes de tratamento ao interlocutor, de *vossa mercê* a *você* > *cê* e de *senhor* a *o senhor* > *sô* (Lopes; Rumeu, 2007; Ramos, 2011) seria, portanto, um processo de mudança sintática por perda. Os novos pronomes apresentam dependência sintática e são itens gramaticais, guardando apenas resquício das expressões nominais de tratamento, formas indicativas de distância social ou de cortesia (Cintra, 1972). Diferentemente das outras estratégias de base nominal, como o *senhor*, a forma *vossa mercê* foi praticamente a única que saiu do tratamento honorífico, como uma estratégia de cortesia, para tratamento íntimo ou familiar (Lopes; Rumeu, 2007).

Com base nesse breve quadro, o objetivo deste artigo é investigar os pronomes de tratamento ao interlocutor usados nas cartas escritas pelos irmãos Elza, Serafim e Jayme, membros da família Bertaso, uma família ilustre de Chapecó⁴, de descendência italiana, do oeste de Santa Catarina, no período de 1914 a 1942. Ao investigar os pronomes de tratamento nas cartas escritas pelos irmãos, temos a intenção de verificar os pronomes na função de sujeito e em outras formas correspondentes de complemento (acusativo, dativo e oblíquo), de possessivo e de imperativo, bem como a correlação entre uso e relações sócio-pragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários (Brown; Gilman, 2003 [1960]). Vale registrar que as missivas escritas na região de Chapecó ainda não tinham sido exploradas na dimensão diacrônica.

Para essa investigação, pretendemos responder às seguintes questões: (i) Quais pronomes de tratamento são utilizados nas cartas dos missivistas investigados? (ii) Os pronomes estão correlacionados a um sistema de sujeito nulo ou de sujeito expresso? (iii) Qual a correlação entre as estratégias de referência ao interlocutor e as relações sócio-pragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários? (iv) Quais os contextos de resistência do pronome tu?

Ancoramos este estudo na Sociolinguística Histórica (cf. Conde Silvestre, 2007), a qual se fundamenta nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), concernentes à heterogeneidade ordenada e à gradualidade da mudança. Procuramos compreender e explicar processos de variação e mudança dos pronomes de tratamento ao interlocutor em 110 cartas pessoais da família Bertaso, escritas entre 1914 e 1942. Essas cartas pertencem ao acervo do projeto *Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina – PHPB-SC* e estão disponíveis para pesquisa no âmbito do núcleo VARSUL da UFSC.

Com base nessas considerações, nosso artigo está assim organizado: na seção 2, trazemos algumas informações a respeito da configuração de *tu/você* nas entrevistas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, pertencentes ao banco VARSUL, em uma incursão do presente para o passado. A seção 3 é dedicada à constituição da amostra de cartas pessoais, ao perfil dos missivistas e aos fatores condicionantes da análise aqui proposta. Os principais resultados são apresentados, na seção 4, e vêm seguidos das considerações finais e das referências.

2 DO PRESENTE PARA O PASSADO

Nesta seção, vamos trazer à tona alguns dados de pesquisa sincrônica anterior sobre os pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina, especialmente em Chapecó, e no Rio Grande do Sul, haja vista que a família Bertaso migrou do interior do Rio Grande do Sul para Chapecó em 1918 e os missivistas analisados nasceram e viveram naquele estado até certa idade. Conforme já apontado, os estudos aqui revisitados tratam do pronome *tu* e da implementação e encaixamento linguístico e/ou social do pronome *você*.

Um panorama da distribuição dos pronomes *tu* e *você* em quatro localidades de Santa Catarina, contempladas no Banco de Dados do Projeto VARSUL, é-nos dado por Loregian-Penkall (2004), em contexto morfossintático de sujeito, conforme Quadro 1, a seguir.

⁴ Chapecó: palavra de origem Kaingang, origina-se dos termos "echa" + "apê" + "gô", que significa "donde se avista o caminho da roça".

Entrevistas por cidades	Só TU	Só VOCÊ	TU e VOCÊ
24 – Lages	01	06	17
24 – Blumenau	02	04	17
24 – Chapecó	06	02	16
24 – Florianópolis	13	01	10

Quadro 1: Distribuição das formas de tratamento *tu* e *você* nos dados do Varsul para o estado de Santa Catarina (contexto morfossintático de sujeito).

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 67, com adaptações).

A pesquisadora analisou os 24 informantes da amostra-base do Projeto VARSUL das quatro cidades catarinenses contempladas na amostra e, neste quadro em específico, visava verificar se a variação estava ocorrendo na comunidade ou no indivíduo, bem como objetivava mapear os caminhos da entrada do *você* no sistema de segunda pessoa do singular. Nos números supracitados, nota-se que os informantes analisados de Chapecó têm majoritariamente *tu* e *você* em sua gramática; estão nesta condição 16 dos 24 falantes da amostra. Dos oito restantes, seis usaram somente o pronome *tu* e dois só o *você*. Nas outras três localidades, a pesquisadora também obteve resultados que mostram o predomínio dos dois pronomes de segunda pessoa nas entrevistas analisadas.

Em relação ao comportamento linguístico geral atribuído aos indivíduos das quatro localidades acima apresentadas, no tocante ao uso de *tu/você*, a história social dessas quatro localidades catarinenses nos permite afirmar que há uma associação entre:

- Florianópolis: predomínio de *tu* (colonização açoriana – século XVIII);
- Lages: predomínio de *você* (colonização paulista – século XVIII);
- Blumenau: predomínio de *você* (colonização alemã. O pronome *você* entra na escola/livro didático no início do século XX);
- Chapecó: predomínio de *tu* (colonização gaúcha – de segunda geração de italianos – século XX).

A colonização de Chapecó, conforme apontado na seção a seguir, foi majoritariamente gaúcha, com famílias inteiras migrando daquele estado para o oeste catarinense em busca de terras baratas para o plantio de produtos agrícolas, visando ao sustento dos vários filhos que configuravam as famílias daquela época. Ademais, nas famílias de origem italiana sempre houve o costume da *dota*, que consiste na doação de terra para os filhos homens, quando se casam, e do enxoval⁵, para as filhas mulheres.

Dado esse costume, a busca por terras sempre foi uma espécie de “apego” das famílias de descendentes de italianos, fato que explica a migração de grande número de famílias do Rio Grande do Sul para outras regiões, dentre elas, o oeste de Santa Catarina, onde as terras eram baratas, se comparadas ao Rio Grande do Sul.

A família dos missivistas analisados, embora de condição social abastada, também migrou do interior do Rio Grande do Sul para Chapecó. Desta forma, visando exemplificar o comportamento dos gaúchos em relação ao uso de *tu/você*, trazemos, no Quadro 2, a distribuição apresentada por Loregian-Penkall (2004), nas quatro cidades gaúchas da amostra-base do VARSUL.

⁵ As mulheres normalmente ganhavam de seus pais jogos de cama, toalhas de mesa, máquina de costura e, eventualmente, nas famílias mais abastadas ganhava-se também uma vaca de leite. A mulher ia morar na casa/terra do marido e, quando não tinham condições, moravam com a família do noivo.

Entrevistas por cidades	Só TU	Só VOCÊ	TU e VOCÊ
24 – Porto Alegre	14	01	09
24 – Flores da Cunha	13	---	10
24 – Panambi	07	---	14
24 – São Borja	14	01	06

Quadro 2: Distribuição das formas de tratamento *tu* e *você* nos dados do Varsul para o estado do Rio Grande do Sul (contexto morfossintático de sujeito)

Fonte: Loregian-Penkal (2004, p. 80, com adaptações)

Nas cidades do Rio Grande do Sul acima apresentadas, o uso de *tu* para representar a segunda pessoa do singular é majoritário; vemos que somente 02 informantes, um da capital e outro da região de fronteira, não apresentaram o *tu* nas entrevistas. Ademais, o uso de *tu* no Rio Grande do Sul é uma marca identitária dos falantes, notadamente o *tu* sujeito, sem a marca de segunda pessoa do singular no verbo, conforme: *tu comeu hoje? Tu fala demais e esquece até de comer*, em que o verbo que o acompanha é de terceira pessoa do singular.

Dada a maciça colonização gaúcha do oeste de Santa Catarina, a entrada do *você* pode ter ocorrido ali mais tardiamente e esta configuração pode se dar também nas missivas analisadas.

É dessa configuração que partimos para a investigação de sincronias passadas, considerando que as análises de dados mais recentes, em relação à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular em Santa Catarina, devem oferecer evidências do comportamento variável das formas pronominais no passado.

Do mesmo modo, procura-se, nas amostras de cartas pessoais, indícios que possam corroborar as hipóteses aventadas para a interpretação de usos linguísticos atuais com base na sócio-história do estado catarinense.

Nossa análise, neste trabalho, concentra-se na região do oeste de Santa Catarina – Chapecó – com o propósito de preencher uma lacuna com respeito ao estudo dos pronomes de tratamento em cartas pessoais dessa região e estabelecer um contraponto com as cidades de Florianópolis e de Lages, etnicamente diferentes.

3 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

3.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA BERTASO

A amostra de cartas pessoais da família Bertaso foi coletada pelo projeto PHPB-SC no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), contendo mais de 240 cartas, escritas entre os anos de 1914 e 1942. O acervo encontra-se atualmente hospedado na agência do VARSUL da UFSC. A proposta metodológica do projeto de coleta, transcrição e edição de documentos segue os passos do projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) de levantamento e catalogação de fontes específicas, representativas do português escrito ao longo dos séculos. Dessas 240 cartas, já foram transcritas, editadas e revisadas 110 cartas, considerando-se as normas do projeto PHPB nacional.

Investigamos, neste artigo, as 110 cartas editadas e revisadas. Elas foram escritas por três missivistas da ilustre família Bertaso: Elza, Serafim e Jayme, filhos do casal Ernesto Bertaso e Zenaide Ballista. Essa foi uma das primeiras e mais importantes famílias da cidade de Chapecó, Santa Catarina.

O município de Chapecó foi criado em 25 de agosto de 1917. A colonização iniciou com os tropeiros que utilizavam a região como trajeto para o transporte de gado. O processo de migração de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul, começou com a chegada das companhias colonizadoras. A principal atividade econômica na época era o extrativismo da madeira. Outro fator que garante a Chapecó a condição de cidade-pólo é a economia diversificada. Agroindústrias, prestação de serviços e comércio são alguns dos principais ramos da economia local. O município ficou reconhecido internacionalmente por concentrar o maior parque agroindustrial latino-americano.

A criação do Município de Chapecó, em 25 de agosto de 1917, representou para a região oeste: (i) a definição da região como parte integrante do contexto catarinense – nova unidade político-administrativa; (ii) a necessidade urgente de uma ação de colonização para a região por parte das autoridades constituídas em nível local e estadual; (iii) a transferência da colonização para a iniciativa particular. Assim, a colonização da região inicia-se com as primeiras manifestações no sentido de a região receber ações e empreendimentos das companhias de colonização, por intermédio da venda e/ou doações de terras por parte do governo.

As companhias colonizadoras chegaram à região oeste e se instalaram com capital próprio. O governo de Santa Catarina participava concedendo alguns incentivos para a iniciativa empresarial colonizadora – pela necessidade premente de ocupação da região. Inaugurou-se, assim, a colonização sistemática da região. Dentre as companhias de colonização que atuaram na região do município de Chapecó, a partir de sua criação, destacam-se a Empresa Colonizadora fundada por Ernesto Bertaso e os irmãos Agilberto Atilio e Manoel dos Passos Maia, em 1918, e que se instalou no antigo povoado de Passo dos Índios (atual cidade de Chapecó) com um escritório. É nesta época que a família Bertaso começa a se instalar em Chapecó.

Em 1923 houve a dissolução da sociedade, passando todo o ativo e passivo para Ernesto Bertaso e seus descendentes. Esta colonizadora tornou-se proprietária de vasta área de terras e responsável por qualquer iniciativa comercial e colonizadora dentro de seu patrimônio, que atingiu a casa de 2.249.259.441m².

Ernesto Bertaso, mesmo não tendo sido o fundador de algumas povoações no oeste catarinense, foi um dos principais responsáveis pelo crescimento e expansão destes locais. A empresa por ele dirigida deixou como marco os traçados da atual cidade de Chapecó e dos povoados de então, Quadro Coronel Freitas (hoje município), Fernando Machado (hoje distrito de Cordilheira Alta), Simões Lopes (hoje distrito de Coronel Freitas) e Quilombo (município).

A empresa Colonizadora Bertaso construiu estradas e estabeleceu nas terras milhares de colonos procedentes de lugares diversos das antigas colônias do Rio Grande do Sul. Paulatinamente, a incorporação da região ia acontecendo por meio da atividade econômica do extrativismo, com a conseqüente venda da produção aos países do Prata, através do sistema de balsas. Graças à fertilidade do solo, em um curto espaço de tempo, a região oeste inseriu-se em um processo amplo de expansão econômica colonial do Sul do país.

3.1.1 Perfil⁶ dos missivistas

As 110 cartas pessoais escritas por Elza, Serafim e Jayme, filhos do casal Ernesto Bertaso e Zenaide Ballista, são consideradas como uma subamostra da Amostra Bertaso, constituída por 240 cartas. Das 110 cartas, 80 foram escritas por Elza aos pais Ernesto e Zenaide e ao irmão Serafim, 26 foram escritas por Serafim aos pais Ernesto e Zenaide e à irmã Elza e quatro foram de Jayme a sua mãe Zenaide e aos irmãos Elza e Serafim. Para entendermos um pouco mais a respeito das relações interpessoais mantidas pelos missivistas aqui envolvidos, optamos por descrever o perfil social de cada um deles.

- Elza Bertaso

Nasceu em Bento Gonçalves no dia 15 de julho de 1905 e no ano seguinte sua família mudou-se para Guaporé. Os primeiros estudos de Elza foram realizados em Bento Gonçalves. Nessa época, ela morava com os avós para estudar. Com nove anos de idade, foi

⁶ Informações colhidas na obra de Hirst (2005), filha de Elza Bertaso e Paulo Pasquali, neta do Coronel Ernesto Bertaso.

estudar em Porto Alegre no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, um internato de freiras, pois os pais achavam o estudo no interior muito fraco. Além das aulas normais, no internato ela estudava piano e pintura. Ficou ali de 1915 a 1918.

Em 1919, Elza foi estudar no Colégio Nossa Senhora de Sion, em Curitiba, onde moravam vários parentes de sua mãe, Zenaide. Em 1920, continuou os estudos no Colégio Sion em São Paulo e, no ano seguinte, seu irmão Serafim vai estudar no colégio Anglo Brasileiro, na mesma cidade. Os laços entre os dois irmãos se fortaleceram cada vez mais. Em 1924, ela terminou os estudos em São Paulo. Ficou nove anos longe dos pais. Só para ir e voltar de São Paulo levava oito dias. Lá, além das matérias do curso, aprendeu francês, piano e pintura.

Ao terminar os estudos, Elza voltou para a casa dos pais, que moravam nessa época em Passo Fundo. Em Bento Gonçalves, moravam os seus avós. Lá conheceu Paulo Pasquali com quem se casou em 1925 e foram morar em Bento Gonçalves. Mesmo depois de casada, se correspondia bastante com os pais e os irmãos. Em 1946 mudou-se para Curitiba e, em 1949, para Chapecó, morando lá até 1996, quando faleceu aos 91 anos de idade.

- Serafim Bertaso

Nasceu em 30 de outubro de 1908, na cidade de Guaporé, no Rio Grande do Sul. Saiu cedo de casa para estudar. Com doze anos, em 1920, mudou-se para Curitiba. No período de 1921 e 1922, foi para o colégio interno Anglo Brasileiro em São Paulo, município em que sua irmã Elza já estava estudando. De 1926 a 1929 foi estudar em Florianópolis. Em 1927 passou a ter a companhia do irmão mais jovem, Jayme.

A troca de correspondências catalogada no banco de dados fica interrompida desse período até 1937. Nesse meio tempo, Serafim formou-se em Engenharia e se casou com Elsa Rosa Feuerschuetze. As cartas do novo período são escritas de Canoinhas e de Tubarão, contendo relatos da família e de sua atuação profissional. Não há registros nas cartas analisadas da sua chegada a Chapecó, mas nesta cidade foi vereador (1947-1951) e prefeito (1951-1954). Exerceu o mandato de deputado estadual em diferentes períodos entre 1955 e 1959. Faleceu em Chapecó no dia 31 de agosto de 1976.

- Jayme Bertaso

Nasceu em 1912, em Guaporé, no Rio Grande do Sul. Iniciou seus estudos no Rio Grande do Sul e, em 1926, com 14 anos de idade, foi estudar no Ginásio Catarinense em Florianópolis. Permaneceu naquele colégio, em companhia do irmão Serafim, até 1930. Em 1931, foi morar em Curitiba e estudou no Ginásio Paranaense, dos Irmãos Maristas. No ano de 1932, passou no vestibular de Medicina e começou a frequentar a Faculdade de Curitiba. Lá, foi morar com o irmão Serafim em uma pensão e chegou a jogar como atleta profissional do Curitiba Futebol Clube.

Graduou-se em Medicina em dezembro de 1937 e foi trabalhar no Hospital São Roque, em Getúlio Vargas, Rio Grande do Sul. Casou-se no dia 20 de junho de 1942 com Yvete Zanoni, filha de Leonel Mosele e Paulina Zanoni, tradicional família de Bento Gonçalves. Jayme e Yvete permaneceram em Getúlio Vargas até 1944, quando, a pedido do pai, o Cel. Bertaso, mudaram-se para União da Vitória, no Paraná. Jayme e Yvete viajavam com frequência para Chapecó, especialmente nas festas de final de ano e nas férias. Jayme morou em União da Vitória, Paraná, de 1944 até falecer, em 13 de dezembro de 1985.

3.2 FATORES CONDICIONANTES

Para realizar a análise dos pronomes de tratamento ao interlocutor nas cartas pessoais da família Bertaso, lemos primeiramente todas as 110 cartas editadas, destacando as sentenças com os pronomes de segunda pessoa do singular. Percebemos que não havia sequer um dado de *você*⁷. Os missivistas optavam pelo uso dos pronomes de tratamento ao interlocutor *tu* e *o senhor* na função de sujeito e em outras formas correspondentes de complemento (acusativo, dativo e oblíquo), de possessivo e de imperativo. Para

⁷ Na análise das formas de tratamento nas cartas da família Bertaso, acreditávamos que encontraríamos alguma forma do paradigma do *você*, especialmente na escrita do irmão mais jovem, Jayme. Mas o comportamento dos três irmãos foi muito parecido a esse respeito, como mostramos na seção 4.

captar todas as nuances dessas formas de tratamento, resolvemos, então, considerar como nossa variável dependente “formas do paradigma de *tu* e formas do paradigma de *o senhor*”. Os dados a seguir ilustram esses usos.

- (1) *Espero que a Senhora os meus irmãozinhos o papae a tia Ida, Plinio e Hilda; gozem perfeita saude* [Elza para a mãe, 30/07/1916].
- (2) *quando tu escreveres a Elza de muitas lembranças* [Serafim para a mãe, 06/09/1920].
- (3) *Querida Mamãe, peço-te mandar-me dizer, quaes foram as ultimas palavras que o nosso querido Ary disse.* [Elza para a mãe, 07/05/1918].

A variável “formas do paradigma de *tu* e formas do paradigma de *o senhor*” foi analisada, considerando as seguintes variáveis independentes internas e externas:

- Sujeito de segunda pessoa: nulo e expresso;
- Complementos verbais e nominais: acusativo, dativo e oblíquo;
- Formas de possessivo: teu/tua, seu/sua;
- Formas de imperativo: indicativo e subjuntivo;
- Relações sociais entre remetente e destinatário: filhos → pais e entre irmãos;
- Missivistas: Elza, Serafim e Jayme.
- Década em que as cartas foram escritas: 1910, 1920, 1930-1940.

Nas 110 cartas encontramos 510 ocorrências de formas do paradigma de *tu* e formas do paradigma de *o senhor*. Esses dados foram submetidos à análise estatística do Excel e, em seguida, ao Programa GoldVarb 2001⁸. Os resultados da análise estatística são apresentados na próxima seção.

4 OS RESULTADOS

A análise estatística das 510 ocorrências de formas do paradigma de *tu* e formas do paradigma de *o senhor* encontradas nas cartas escritas pelos irmãos Elza, Serafim e Jayme, membros da família Bertaso, mostrou que 470 são formas do paradigma de *tu* (92,2%) e 40 formas de *o senhor* (7,8%) assim distribuídas por década e por missivista:

Formas variantes	1910	1920	1930-1940
	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %
Paradigma de <i>o senhor</i>	34/72 47,2%	6/428 1,4%	-
Paradigma de <i>tu</i>	38/72 52,8%	422/428 98,6%	10/10 100%
Total	72/510 14%	428/510 84%	10/510 2%

Tabela 1: Resultados gerais da Amostra Bertaso por década.

Fonte: as autoras

Os resultados da Tabela 1 sinalizam para queda de formas de tratamento mais cerimonioso, aqui representado pelas formas do paradigma de *o senhor*, com 47,2% na década de 1910, 1,4% na década de 1920, e nenhuma forma desse paradigma em 1930-1940. Por outro lado, as formas do paradigma de *tu* crescem de 1910 (52,8%) a 1920 (98,6%) e são categóricas em 1930/1940 (100%), um

⁸ GoldVarb 2001 é uma versão para Windows do pacote estatístico Varbrul. Foi elaborado especialmente para análise multivariada de dados de variação sociolinguística (Guy; Zilles, 2007).

tratamento menos cerimonioso e mais íntimo. Essa diferença pode estar relacionada à mudança nas relações pessoais entre os membros da família no curso do tempo. Para entendermos melhor esse uso, vejamos, inicialmente, como se distribuem os percentuais por missivista.

Formas variantes	Elza	Serafim	Jayme
	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %
Paradigma de <i>o senhor</i>	34/299 11,4%	6/178 3,4%	-
Paradigma de <i>tu</i>	265/299 88,6%	172/178 96,6%	33/33 100%
Total	299/510 58%	178/510 35%	33/510 7%

Tabela 2: Resultados gerais da Amostra Bertaso por missivista.

Fonte: as autoras

Como os resultados percentuais apontam, os três missivistas Elza, Serafim e Jayme usam preferencialmente as formas do paradigma de *tu*: 88,6%, 96,6% e 100%, respectivamente. Já as formas do paradigma de *o senhor* foram encontradas apenas nas cartas escritas por Elza e Serafim. Uma análise pormenorizada dos missivistas, levando em conta as relações sociais entre filhos e pais e entre irmãos, traz informações importantes a respeito dessa distribuição, como veremos na tabela exposta a seguir.

Remetente	Formas variantes	Relações sociais		Total
		filhos → pais	entre irmãos	
Elza	Paradigma de <i>o senhor</i>	34/246 14%	-	299 dados
	Paradigma de <i>tu</i>	212/246 86%	53/53 100%	
Serafim	Paradigma de <i>o senhor</i>	6/116 5%	-	178 dados
	Paradigma de <i>tu</i>	110/116 95%	62/62 100%	
Jayme	Paradigma de <i>o senhor</i>	-	-	33 dados
	Paradigma de <i>tu</i>	6/6 100%	27/27 100%	

Tabela 3: Pronomes de tratamento distribuídos pelas relações sociais nas cartas pessoais da família Bertaso.

Fonte: as autoras

Observa-se, nos índices apresentados na Tabela 3, que as 34 formas do paradigma de *o senhor* encontradas nas cartas escritas por Elza – a filha mais velha – foram dirigidas a seus pais, assim como as seis ocorrências encontradas nas cartas escritas por Serafim – o filho do meio. Já nas cartas escritas por Jayme – o filho mais moço – à sua mãe, há uma total ausência dessa formalidade de tratamento.

(4) *Estou contentíssima por poder enviar-lhe “Nota de Honra”*. [Elza para a mãe, 07/05/1918]

(5) *Para terminar queira aceitar um abraço do seu filho Serafim*. [Serafim para a mãe, 08/09/1922].

(6) *Espero que esta te encontre gosando bôa saúde junto a papai e Serafim.* [Jayme para a mãe, 29/03/1935]

Os resultados da Tabela 3 sinalizam para uma diferença geral notável entre Elza e Serafim de um lado e Jayme de outro nas relações sociais de filhos para pais. Elza e Serafim se reportam aos pais com formas do paradigma de *o senhor* e formas do paradigma de *tu*, enquanto Jayme, ao se dirigir à mãe, usa apenas formas do paradigma de *tu*. Já nas relações sociais entre irmãos, os três missivistas usam apenas formas do paradigma de *tu*.

A análise do comportamento de Elza evidenciou que, nas cartas escritas entre 1914 e 1916, quando ainda era criança, a missivista se dirigia aos pais categoricamente através de formas do paradigma de *o senhor*, usadas como uma estratégia de cortesia. De 1918 em diante, ela apresentou mudança de comportamento linguístico, de *o senhor* para *tu*, respeitando sempre a uniformidade de tratamento, conforme ilustram os exemplos em (7) e (8).

(7) *Receba mil beijos e abraços desta sua filha que muito a ama.* [Elza para a mãe, 29/06/1916]

(8) *Recebe mil beijos e abraços de tua filha saudosa Elza.* [Elza para a mãe, 10/08/1918]

No caso do comportamento de Serafim, as formas do paradigma de *o senhor* estão relacionadas majoritariamente ao imperativo subjuntivo, formas usadas no fechamento das cartas dirigidas aos pais, como ilustram os exemplos em (9) e (10). Essas formas vêm na maioria das vezes combinadas com formas de complemento ou de possessivo do paradigma de *tu*. A preferência pela não uniformidade de tratamento é um traço peculiar nas cartas de Serafim remetidas aos pais. Nesses casos, parece mais plausível dizer que as formas de imperativo subjuntivo poderiam ser caracterizadas como uma tradição discursiva⁹ e não como um uso formal de tratamento.

(9) *Receba um abraço e um beijo de teu filho sempre grato Serafim* [Serafim para a mãe, 13/06/1920].

(10) *Receba em união a todos um apertado abraço do teu filho que tanto te estima Serafim* [Serafim para o pai, 12/05/1928].

Com base nesse panorama, passamos a investigar quais os pronomes de segunda pessoa do singular são utilizados nas cartas, considerando as variáveis independentes internas: sujeito, complemento (acusativo, dativo e oblíquo), formas do possessivo e formas do imperativo. Os resultados da Tabela 4 apontam para algumas preferências de uso do sujeito.

Formas variantes	Sujeito	
	Nulo	Expresso
Paradigma de <i>o senhor</i>	2/11 18%	9/11 82%
Paradigma de <i>tu</i>	128/140 92%	12/140 8%
Total	130/151 86%	21/151 14%

Tabela 4: Distribuição da variável linguística formas de representação do sujeito.

Fonte: as autoras

Os percentuais apontam que as formas nominais *o senhor* são majoritariamente usadas como sujeito expresso (82%) e o pronome *tu* como sujeito nulo (92%), corroborando resultados encontrados na literatura (Duarte, 1993). Os exemplos a seguir mostram essa preferência das formas em cada um dos paradigmas.

⁹ As tradições discursivas, em termos gerais, são entendidas como formas repetidas e ritualizadas de dizer e de escrever, que adquirem significado e representação próprios (Longhin, 2014).

(11) *A Senhora vem agora quando o papae vem ou vem no fim de anno?* [Elza para a mãe, 16/07/1916].

(12) *Em todo caso vae a procuração que me pediste, para fazer dos meus “negócios” o que bem entenderes.* [Jayme para o irmão Serafim, 16/10/1940]

Passamos, então, à análise do sujeito, considerando as formas dos paradigmas de *tu* e de *o senhor* por missivista.

Remetente	Sujeito <i>o senhor</i>		Sujeito <i>tu</i>	
	Nulo	Expresso	Nulo	Expresso
Elza	2/11 18%	9/11 82%	78/82 95%	4/82 5%
Serafim	-	-	41/48 85%	7/48 15%
Jayme	-	-	9/10 90%	1/10 10%
Total	2/11 18%	9/11 82%	128/140 92%	12/140 8%

Tabela 5: Formas de representação do sujeito por missivista.

Fonte: as autoras

Como sinalizam os resultados da Tabela 5, apenas a missivista Elza usa o sujeito *o senhor* para se dirigir aos pais e esse uso é preferencialmente expresso, como o exemplo (13) ilustra. Entretanto, ela também se utiliza do sujeito *tu* para se dirigir a eles, mas, nesse caso, um *tu* preferencialmente nulo, combinado com verbo com morfologia marcada de segunda pessoa, como está evidenciado no exemplo (14).

(13) *Como vai a Senhora querida Mamãe, o querido papae, e meus queridos irmãozinhos?* [Elza para a mãe, 07/05/1918].

(14) *Como vaes passando junto de papae e Jayme? Tens recebido noticias de Serafim?* [Elza para a mãe, 05/04/1920].

Quanto a Serafim e Jaime, usam categoricamente o pronome *tu* sujeito para se dirigirem aos pais, um *tu* nulo que se alterna com *tu* expresso combinado algumas vezes com verbo de terceira pessoa, como ilustra o exemplo (17). Vale lembrar que *tu* combinado com verbo sem concordância marcada é considerado uma marca identitária do gaúcho, marca bastante frequente também no português falado em Chapecó, especialmente por pessoas nascidas no Rio Grande do Sul de descendência italiana (cf. Loregian Penkal, 2004), como é o caso dos membros da família Bertaso.

(15) *Como podes ver pelo que disse acima os 550, 000 não é muito.* [Jayme para a mãe, 29/03/1935]

(16) *Elza me disse que tu estiveste muito mal, que o teu coração estava cheio dagua.* [Serafim para o pai, 08/09/1922]

(17) *Querida mamãe. Recebi tua no dia 22 de Julho fiquei contente que tû esta contente eu também esto contente de saber que o Jayme vai e tu também* [Serafim para a mãe, 22/07/1920].

(18) *istou mal de calçado tenho so um par sem mais receba um abraço de teu filho Serafim* [Serafim para a mãe, 29/09/1920].

Os trechos das cartas que ilustram os exemplos (17) e (18) foram escritos por Serafim em 1920, momento em que ele estava com apenas 12 anos de idade e, provavelmente, ainda não tinha domínio de escrita padrão. Essa hipótese se fundamenta no fato de na época ele usar nas cartas, além de *tu* combinado com verbo sem concordância marcada, outras formas de linguagem falada, como monotongação da semivogal /ou/ (*esto*) e redução da vogal /e/ inicial (*istou*). Todas elas são marcas vernaculares.

Vejamos, a seguir, como os pronomes complementos e possessivos e as formas de imperativo se distribuem nas cartas, considerando as formas dos paradigmas de *tu* e de *o senhor*.

Formas variantes	Complementos			Possessivos		Imperativos	
	Acus.	Dat.	Obl.	Seu	Teu	Ind.	Subj.
Paradigma de <i>o senhor</i>	2/73 2,7%	6/67 9%	- -	11/11 100%	- -	- -	12/19 63,2
Paradigma de <i>tu</i>	71/73 97,3%	61/67 91%	8/8 100%	- -	110/110 100%	71/71 100%	7/19 36,8
Total	73/148 49,3%	67/148 45,3%	8/148 5,4%	11/121 9%	110/121 91%	71/90 79%	19/90 21%

Tabela 6: Distribuição das variáveis linguísticas complementos, formas do possessivo e formas do imperativo.

Fonte: as autoras

Os resultados das tabelas 4 e 6 mostram que as formas do paradigma de *o senhor* vêm acompanhadas preferencialmente de sujeito expresso, acusativo *o/a*, dativo *lhe*, formas de possessivo *seu, sua, seus, suas* e formas imperativas de subjuntivo, originalmente formas gramaticais de terceira pessoa. Por outro lado, as formas dos paradigmas de *tu* aparecem preferencialmente como sujeito nulo, acusativos e dativos *te*, formas de possessivo *teu, tua, teus, tuas* e formas imperativas de indicativo. Os exemplos a seguir dão luz a essa uniformidade de tratamento.

(19) *Receba beijos e abraços do coração amoroso de Sua filha grata Elza.* [Elza para a mãe, 08/07/1916].

(20) *Querida irmã. Escrevo-te estas simples e pequeninas linhas com o fim de saber o teu estado de saúde junto com Paulo e Maria.* [Jayme para a irmã Elza, 14/08/1929].

(21) *Em primeiro lugar devo pedir-te desculpas por ter te chamado de preguiçoso* [Elza para o irmão Serafim, 03/04/1923]

Para além das ocorrências de formas do paradigma de *tu* e de formas do paradigma de *o senhor*, nas cartas da família Bertaso aqui analisadas, Elza utiliza oito formas do paradigma de *vós*, sete dirigidas ao pai e apenas uma à mãe. São estratégias de tratamento mais conservadoras do que propriamente o uso de formas do paradigma *o senhor*. O *vós* é considerado já no século XVIII um traço arcaizante do português, conforme Cintra (1972).

Vale destacar que as formas do paradigma de *vós* usadas por Elza não foram contabilizadas na análise dos dados das tabelas acima citadas e estão assim distribuídas: nenhum caso é de sujeito, um caso é de imperativo, três de acusativo, um de dativo e três de possessivos, como os exemplos a seguir ilustram:

(22) *Ficae certo de meus votos ardentes* [Elza para o pai, 24/09/1915].

(23) *Espero que esta vos encontre gosando boa saúde* [Elza para o pai, 28/06/1914].

(24) *Hoje com muito prazer pego na penna para escrever-vos estas poucas linhas* [Elza para a mãe, 16/07/1916].

(25) *Impossibilitada de ir pessoalmente abraçar-vos hoje, dia de vosso aniversário natalício* [Elza para o pai, 24/09/1915].

Confirma-se, nesses casos, a formalidade de tratamento de Elza para seus pais nas cartas que escrevia a eles entre os anos 1914 e 1916. São formas reconhecidamente de tradição discursiva. Nessa mesma época, Elza também usava formas do paradigma de *o senhor* para se dirigir a eles, conforme apontamos anteriormente. De 1918 a 1942, entretanto, ela usa apenas formas de tratamento do paradigma de *tu* tanto para se dirigir a seus pais quanto para se dirigir a seus irmãos.

De modo geral, podemos dizer que os resultados da análise estatística mostraram um comportamento estável dos missivistas ao longo do tempo, com ausência total do pronome novo *ocê*, uso majoritário do pronome *tu* (ou de formas do paradigma de *tu*) nas relações sociais entre irmãos, combinado com sujeito nulo, que se alterna com o pronome de tratamento *o senhor*, indicando, nesse

caso, um certo conservadorismo de tratamento nas sociais relações da missivista Elza a seus pais, nas cartas escritas quando era ainda uma criança. De 1918 em diante, a missivista inova, tratando os pais por *tu*. Esse mesmo tratamento inovador é observado nas cartas escritas por Serafim e Jayme a seus pais.

5 À GUIA DE CONCLUSÃO: ALGUMAS PARTICULARIDADES E GENERALIZAÇÕES

Tendo em vista a retomada panorâmica das análises dos pronomes de tratamento em 110 cartas da família Bertaso, passamos à síntese dos principais resultados das estratégias de referência ao interlocutor e das relações sócio-pragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários.

Em resposta à nossa primeira questão, os resultados mostraram que os pronomes utilizados nas cartas pelos missivistas foram *tu* e *o senhor*, com a seguinte distribuição: Elza alterna entre os sujeitos pronominais *o senhor* e *tu*, Serafim e Jayme usam apenas sujeitos *tu*. Nas outras funções gramaticais, formas do paradigma de *o senhor* como *o/a*, *lhe*, *seu/sua* e formas do imperativo são usadas por Elza e apenas formas no imperativo e de possessivo são usadas por Serafim. Nas cartas de Jayme, observa-se uso exclusivo de formas do paradigma de *tu*. Em nenhuma das 110 cartas analisadas foi encontrado o pronome *ocê* (ou formas correspondentes).

Ao analisarmos a correlação entre os pronomes e o sistema de sujeito nulo ou de sujeito expresso – nossa segunda questão –, observamos que o pronome *o senhor* está correlacionado a um sistema de sujeito expresso, enquanto o pronome *tu* está ligado majoritariamente a um sistema de sujeito nulo. O pronome *tu* vem combinado, na grande maioria das vezes, com flexão verbal de segunda pessoa. Há três ocorrências de *tu* com morfologia de terceira nas cartas de Serafim aos irmãos no período da infância e nesses casos, o pronome *tu* está expresso. Esse uso de *tu* sem concordância é uma marca identitária do gaúcho, bastante frequente no português falado em Chapecó (Loregian-Penkal, 2014).

O encaixamento dos pronomes nulos ou expressos no sistema linguístico catarinense é, portanto, conservador: o pronome *tu* aparece especialmente como sujeito nulo, combinado com morfologia verbal de segunda pessoa, enquanto o pronome *o senhor* é usado mais frequentemente como sujeito expresso, combinado com morfologia verbal de terceira pessoa.

No caso da terceira questão, sobre a correlação entre as estratégias de referência ao interlocutor e as relações sócio-pragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários, os resultados mostraram comportamento instável de Elza, que muda o tratamento aos pais de *o senhor* categórico entre 1914 e 1916, para somente *tu* depois de 1918, e comportamento estável de Serafim e de Jayme nas diferentes décadas, com uso majoritário de tratamento *tu* ao se reportarem aos pais. Nas relações sociais entre irmãos observadas nas correspondências trocadas entre Elza, Serafim e Jayme o comportamento dos missivistas é estável, usando apenas formas de *tu*. E, por fim, quando retomamos a quarta questão sobre os contextos de resistência do pronome *tu*, percebemos que nas missivas analisadas *tu* resiste majoritariamente como sujeito nulo, um sistema conservador, muito recorrente no português até o século XIX. Do ponto de vista das relações sociais, *tu* é usado não apenas nas relações sociais entre os irmãos, como seria o esperado, mas nas relações sociais entre filhos e pais pelos três missivistas, um traço inovador para a época.

Chama a atenção a completa ausência do pronome de tratamento *ocê* nas 110 cartas pessoais escritas pela família Bertaso de Chapecó entre 1914 e 1942. Analisando cartas pessoais do sudeste escritas por membros da Pedreira Ferraz-Magalhães em uma época muito similar, entre 1877 e 1948, Rumeu (2013) mostra que o pronome *tu* na função de sujeito foi sendo substituído nas missivas escritas por mulheres da família (Maria Leonor, Maria Rosa, Maria Bárbara, Maria Joana e Maria Elisa) pelo pronome *ocê* desde a década de 1920, chegando em 1940 a uso categórico (ou quase categórico) desse novo pronome.

Ao comparar os resultados de Chapecó com aqueles encontrados por Gouveia (2019) em cartas pessoais escritas por catarinenses da Grande Florianópolis, 1880 e 1940, o que vemos é uma predominância do pronome *tu* nas duas regiões, conforme podemos visualizar nos resultados das duas primeiras amostras expostas no Gráfico 1, a seguir. Diferentemente dos resultados de Rumeu (2013), o pronome *tu* é majoritário nas cartas pessoais escritas por missivistas catarinenses da Grande Florianópolis e de Chapecó

até a década de 1940. A partir de 1950, o pronome *tu* começa a se alternar com o *você* em território catarinense, conforme os resultados de Nunes de Souza (1915) e de Brando (1916) apontam.

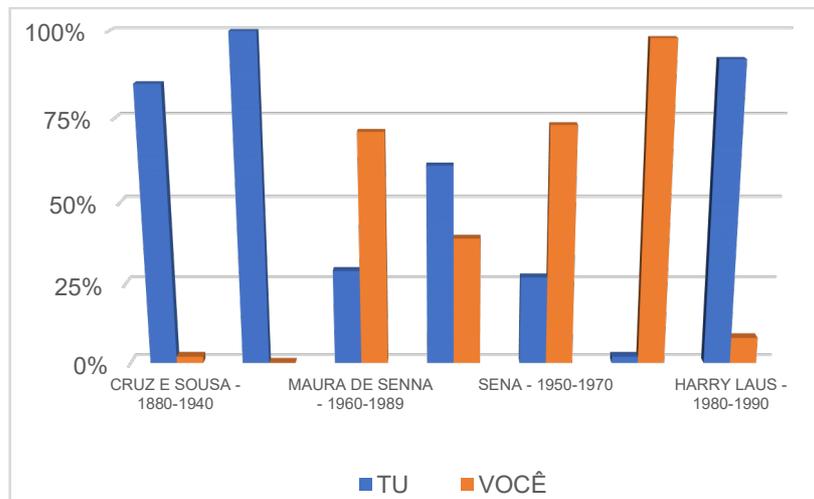


Gráfico 1: Frequência dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina por amostra.

Fonte: Adaptado de Nunes de Souza (2015), Grandó (2016) e Gouveia (2019)

A variação registrada entre os pronomes *tu* e *você* a partir de 1950, segundo Coelho e Nunes de Souza (2020), parece estar relacionada à localidade dos missivistas – se nasceram e viveram na Grande Florianópolis ou no Planalto Serrano, como ilustram os percentuais do pronome *tu* nas amostras da Grande Florianópolis: Do Vale (61%) e Harry Laus (92%), de um lado, e os percentuais do pronome *você* nas amostras do Planalto Serrano: De Sena (73%) e Medeiros (93%), de outro lado. Com base nesses índices, não podemos dizer que o pronome *tu* foi sendo paulatinamente substituído pelo pronome *você* em território catarinense ao longo do tempo, uma vez que na amostra Harry Laus, escrita no final do século XX (1980-1990), encontramos uso quase categórico de *tu* (92%).

Quando comparamos os índices dos pronomes *tu* e *você*, considerando todas as amostras expostas no Gráfico 1, a diferença diatópica se acentua, conforme pode ser visualizada na Tabela 7, a seguir.

Localidades	Amostras – Décadas	TU	VOCÊ
Grande Florianópolis	Cruz e Sousa – 1880-1940	66,7%	33,3%
	Maura de Senna – 1960-1989		
	Do Vale – 1960		
	Harry – 1980-1990		
Lages	De Sena – 1950-1970	14,5%	85,5%
	Medeiros – 1980		
Chapecó	Família Bertaso – 1910-1940	100%	0%

Tabela 7: Frequência dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina.

Fonte: as autoras

Resguardadas as diferenças ligadas ao período em que as cartas foram escritas, a média dos percentuais apresentados no Gráfico 1 indica que, na Grande Florianópolis, os missivistas alternam os pronomes *tu* e *você*, dando uma certa preferência para o pronome *tu* (66,7% de *tu* e 33,3% de *você*), em Lages também há alternância, entretanto o pronome *você* é de uso majoritário (14,5% de *tu* e 85,5% de *você*). Já na amostra de Chapecó o pronome *tu* é categórico.

Em síntese, os resultados dos estudos diacrônicos parecem indicar o fator etnia colonizadora atuando em cada uma das regiões em que nasceram ou vivem os missivistas. Na Grande Florianópolis, região de colonização açoriana, os resultados mostram uso quase categórico de *tu* na primeira metade do século XX e uso variável de *tu* e *você*, com uma preferência pelo pronome *tu* na segunda metade. Em Lages, região de colonização dos tropeiros paulistas, foi observado uso variável de *tu* e *você*, com predomínio de *você* e em Chapecó, região de colonização gaúcha, o pronome *tu* foi categórico na primeira metade do século XX. Essa diferença entre Grande Florianópolis, Lages e Chapecó parece encontrar eco nos resultados sincrônicos de Loregian-Penkal (2004).

REFERÊNCIAS

- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, R. G. (eds.). *Sociolinguistics. The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18, 1972.
- COELHO, I. L. A trajetória de mudança dos pronomes tu e você em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1990). *LaborHistórico*. Rio de Janeiro. v.5, p. 130 - 161, 2019.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C. R. dos S.; COUTO, L. R. (org.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.
- COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Variation and change in the second person singular pronouns tu and você in Santa Catarina (Brazil). In: HUMMEL, M.; LOPES, C. dos S. (eds). *Address in portuguese and spanish studstudies in diachrony and diachronic reconstruction ies in diachrony and diachronic*. 1 ed. Alemanha: De Gruyter, 2020, v.1. p. 155-206.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- DAVET, J. C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (eds.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1993. p.107-128.
- GOUVEIA, H. A. *As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940*. 2019. 255 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.
- GRANDO, V. *Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolingüística*. 2016. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola. Editorial, 2007.
- HAUSEN, T. A. P. *Concordância verbal do pronome "tu" no interior do estado de Santa Catarina*. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
- HIRST, M. A. P. *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. Chapecó: Argos, 2005.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LONGHIN, S. R. *Tradições discursivas – conceito, história e aquisição*. Série Leituras introdutórias em linguística – volume 4. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, C. R. dos S; RUMEU, M. C. de B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: CASTILHO, A T. de et al. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1. p. 419-436.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. 2004. 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

NUNES DE SOUZA, C. M. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística). – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: Uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 49-61, 2015.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

RAMOS, J. M. De nome a pronome: um estudo a sobre o item *senhor*. *Caligrama*. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 69-84, 2011.

ROCHA, P. G. da. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. 2012. 336 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca/FAPERJ, 2013.

VALLE, C. R. M.; SNICHELOTTO, C. R.; GÖRSKI, E. M. Entrevista com a professora Edair Maria Görski, nossa homenageada. *Working Papers em Linguística*. Florianópolis. v. 22. N. Especial, p. 18-31, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].



Recebido em 18/05/2023. Aceito em 30/06/2023.